

As copas pré-guerra, o trauma de 50 e a construção da identidade nacional da torcida nas crônicas de Néelson Rodrigues sobre a Copa de 1958.

João Gabriel Furbino

Todas as narrativas – depoimentos de quem participou, assistiu ou simplesmente ouviu falar – que envolvem a Copa do Mundo de 1950 e, principalmente, a final Brasil X Uruguai, convergem para uma leitura sobre o trauma causado pela derrota em casa da Seleção Brasileira e as consequentes reações geradas na sociedade, na evolução do esporte e da sociedade brasileira como um todo.

Como se sabe, após uma campanha quase irretocável – houve um empate contra a Suíça, mas quem entrou em campo no Pacaembu foram somente os jogadores paulistas, para agradar a torcida – o Brasil (e o brasileiro, por conseguinte) chegou à final com uma confiança que não só beirava, como era a própria soberba. Nenhum brasileiro imaginava perder aquele jogo, principalmente depois da goleada sobre a Espanha por 7 a 1, enquanto 200 mil pessoas cantavam “Touradas em Madri”, em uníssono, no Maracanã. Não havia possibilidade de derrota, o Brasil seria campeão do mundo em casa, humilhando todos os adversários, se provando não só como campeões, mas como *os melhores do mundo, incomparáveis*.

A seleção antes de 50

É interessante abrir um parêntese para tratar das Copas do Mundo de 30, 34 e 38, para percebermos a evolução do esporte durante esse período e essas copas e o que levou a torcida à tamanha euforia naquele 16 de Julho.

Periférico no futebol, era quase atrevimento brasileiro participar das Copas do Mundo, nessa época. Seleções como a Uruguia (Campeã em 30) e a Italiana (campeã em 34 e 38), formavam a elite do futebol, já que os ingleses, inventores do esporte, se recusavam a participar do evento, por se considerarem superiores à todas as outras seleções.

Em 30, “o brasileiro era um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações”(RODRIGUES, 1994, p.112), nenhum brasileiro acreditava na vitória do esporte, os paulistas se recusaram a formar a Seleção e o time, já frágil, iria para a copa ainda mais fragilizado. O Brasil jogou dois jogos (perdeu o primeiro jogo para a Iugoslávia por 2 x 1 e ganhou o segundo da Bolívia, por 4 a 0) e foi eliminado, mas teve Fausto, “a Maravilha Negra” eleito como o melhor jogador da Copa. A torcida brasileira começava a perceber, a enxergar o talento com a bola nos pés que virou característica nacional, sinônimo de Brasil mundo a fora.

É interessante notar que no Brasil, jogava-se um futebol diferente do futebol do resto do mundo, as regras do jogo por aqui eram desconhecidas e era difícil para o brasileiro entender porque um puxão de camisa era pior do que um carrinho duro, mas na bola. Os brasileiros não sabiam sequer a regra do impedimento e esse problema só foi resolvido na Copa de 50, quando por realizar a Copa do Mundo, a CBD tomou a iniciativa de contratar árbitros ingleses que viessem apitar os *matches* dos campeonatos no Brasil e, assim, ensinassem as regras, como elas realmente eram, para os brasileiros.

Na Copa de 1934 a Seleção Brasileira mais uma vez, não conseguiu grandes resultados, mas esse foi o ano da cisão entre a CBD e a Federação Brasileira de Futebol, que culminou no profissionalismo do futebol e, conseqüentemente, na maior organização dos clubes que fomentavam a Seleção, os jogadores, agora contratados, deixaram definitivamente (porque antes do profissionalismo haviam maneiras de burlar as regras e pagar os jogadores) de jogar pelo *fair-play* característico do futebol elitista que havia desembarcado no Brasil através de Charles Muller e se tornaram atletas e já em 1938, a Seleção Brasileira já chegava com um time melhor, mais organizado e mais capaz de fazer alguma coisa durante a competição.

Com jogadores como Tim, Romeu, Domingos da Guia e Leônidas, o “Diamante Negro”, inventor da bicicleta, o Brasil foi terceiro colocado nessa Copa, vencendo a Polônia por 6 x 5, a Tchecoslováquia, por 2 x 1 e decidindo o título contra a Itália, perdendo por 2 x 1, depois de um pênalti infantil do craque Domingos da Guia.

Era o amadurecimento tanto do esporte quanto da torcida. A torcida, já consciente do futebol menos mecânico, marcado por dribles e improvisações e sem precedentes praticado no País do samba e da ginga, ao quase ganhar, se desacostumara a perder. Segundo Néelson Rodrigues “Acabado o jogo (contra a Itália, em 38), um gaiato qualquer disse, na rua, que a partida fora anulada. O Brasil inteiro se levantou. Nas esquinas, grupos cantavam o Hino Nacional. Mocinhas choravam.(...)Logo viria a notícia definitiva: - valera mesmo a derrota brasileira. Os italianos eram de novo campeões”(idem, p. 115).

Mas essa derrota, antes de traumática, pode ser vista como reconfortante, pela primeira vez tínhamos um futebol respeitável e admirado no mundo, tínhamos, na verdade, inventado um novo estilo para o esporte, com negros, mulatos e brancos representando a diversidade brasileira.

A maior derrota de todas

Por causa da II Guerra Mundial, da Europa destruída pelo confronto, não houve Copa do Mundo nos anos de 1942 e 1946 e com a Europa destroçada o caminho natural da competição foi o Brasil, em 1950. Montamos uma Seleção com um grande ataque e uma defesa medíocre, exceção feita a Barbosa, goleiro do Vasco da Gama que era considerado craque, construímos estádios que abrigassem tamanho evento e, principalmente, construímos o megalomaniaco Maracanã, maior estádio de futebol do mundo, com capacidade para 200 mil espectadores. O Maracanã só não seria palco de um jogo do Brasil durante a Copa de 1950, exatamente no único jogo em que a seleção não ganhou (goleou), antes da fatídica Final, o jogo, contra a Suíça, foi disputado no Estádio do Pacaembu e acabou 2 x 2.

A Seleção Brasileira de 50 não só ganhava, mas humilhava os adversários, as goleadas no Maracanã se tornaram normais para os brasileiros (4 x 0 contra o México, 2 x 0 contra a Iugoslávia, 7 x 1 contra a Suécia e 6 x 1 contra a Espanha), e era quase natural que, antes da “Final” (era uma melhor de três, mas o Brasil X Uruguai, pelos resultados, era realmente uma Final) se esperasse uma goleada brasileira pra cima dos uruguaios, que haviam perdido alguns amistosos para o Brasil, antes da Copa. Os próprios uruguaios não estavam confiantes e um dirigente da *Celeste* chegou, inclusive, a pedir para que os jogadores de sua seleção só não perdessem por mais de quatro. O Brasil, que só precisava do empate, entrava no jogo não como favorito, mas como campeão, e isso seria fatal.

Jornais com as fotos dos “Campeões do Mundo” foram distribuídos no dia jogo, políticos se aproveitaram da situação e foram até a concentração fazer discursos, os jogadores não almoçaram, comeram sanduíches, já no Maracanã. A preparação que não era ideal, coincidia com a raça uruguaia, representada na figura do capitão da *Celeste*, Obdúlio Varela e na vontade de vencer demonstrada por nossos vizinhos.

O Brasil abriu o marcador mas não segurou o jogo após o empate e o gol de Ghiggia sobre Barbosa, o “Frango Eterno” que imortalizaria o goleiro do Vasco da Gama, baixou o maior dos silêncios sobre o Maracanã lotado, com a certeza do título brasileiro”.

A memória e o torcedor.

200 mil pessoas assistiram aquela partida, mas um país inteiro ficara traumatizado. A derrota no campo passara a fazer parte da memória coletiva e, por isso reconstruída pela coletividade, a partir de depoimentos dos que participaram do evento, como torcedores, jogadores, jornalistas e até com depoimentos de quem não viu o jogo, mas ouviu pelo rádio, ou simplesmente ouviu falar sobre a peleja.

A memória coletiva se forma a partir da individual, assim, os relatos da Copa e da derrota de 50 – de todos os lados: torcedor – de campo ou rádio –, imprensa, seleções – formam a impressão geral do jogo, um momento efêmero. O silêncio no Maracanã, a impressão de abatimento dos jogadores do Brasil, são a intercessão entre memórias coletiva e individual: o “pré-jogo”, o encontro com políticos, é a justificativa – memória recuperada – para a catástrofe.

A memória reconstruída é formada a partir de pontos que concordam entrem esses depoimentos e uma coisa que a maioria concordou à época, foi em culpar os negros Juvenal, Bigode e Barbosa, os dois primeiros por não pararem Ghiggia e o terceiro por não parar a bola que seria fatal para os quase-campeões do Mundo. O racismo, velado e recalcado, se deixou acontecer e a vida desses três jogadores nunca mais foi a mesma.

O trauma coletivo aposentou uma geração de jogadores – alguns, como Zizinho e Ademir, verdadeiros craques – mas deu medida à importância que o futebol tinha, então, para a nação e as futuras gerações, calejadas pela maior derrota da história do futebol, pelo silêncio deflagrado pelo *Maracanazzo*, viriam já na Copa de 1958 a serem campeões do mundo e mais do que isso, tri-campeões no espaço de cinco copas, entre 1954 e 1970.

A grande ironia, é que após culpar os negros, numa atitude clara de racismo velado, os grandes craques do Brasil, viriam a ser Pelé e Garrincha, um negro e um mulato descendente de índios.

As crônicas de Néelson Rodrigues sobre a Copa de 1958 mostram a redenção desse brasileiro “vira-lata”, tornando-se Campeão do Mundo, em plena Suécia.

Nélson Rodrigues e a Copa de 1958

A crônica é o meio mais comum de ligação entre a literatura e o futebol. Isso se dá por diversos fatores, além da característica única que essa forma literária adquiriu no Brasil. Por ser uma espécie de híbrido entre o conto e a matéria jornalística, a crônica adquire um teor reflexivo e até filosófico – que por ser da ordem do dia lançada em jornal, por refletir sobre pequenos e não grandes fatos – se encaixou muito bem ao futebol que, de certa maneira, carrega essas mesmas características. Assim, como o futebol, esporte jogado com os pés, a crônica seria um espaço mais livre, mais sujeito a improvisações e liberdades, por ser perecível, datada, como uma partida qualquer.

É claro que nem toda partida é uma partida qualquer, nem toda crônica é perecível. Como tivemos grandes craques, grande jogos, tivemos grandes cronistas que, de uma maneira ou outra, se destacaram e marcaram o nome na crônica e na literatura brasileira, como Armando Nogueira, Paulo Mendes Campos, Roberto Drummond, Tostão, entre outros. Mas, o personagem mais marcante é, sem dúvida, Nélson Rodrigues, pois ele, o maior dramaturgo da história do país, era um apaixonado por futebol – pelo Fluminense e pela Seleção Brasileira – que demonstrava isso a todo momento em suas crônicas. É interessante notar o papel que Nélson desempenhou ao escrever sobre futebol, pois até hoje seus escritos valorizam a crônica esportiva, ajudando a aliviar certo preconceito que paira sobre ela, enquanto estilo literário.

Nelson usa seu texto sobre futebol para tratar “sobre a condição humana”ⁱ, nacional. Assim, ele se usa de outros autores e temas para tratar sobre o futebol. Refletindo sobre o homem mas, muitas das vezes, sobre o brasileiro com um patriotismo dramático, talvez herdado de sua relação com o teatro.

Aqui, vou analisar as crônicas do livro “À Sombra das Chuteiras Imortais” que tratam sobre a Copa do Mundo de 1958 e como Nélson trata a evolução do torcedor/povo brasileiro – e sua própria evolução como torcedor –, criando, através de metáforas estudadas em sala, como FUTEBOL X RELIGIÃO, FUTEBOL X GUERRA, FUTEBOL X VIDA, uma espécie de identidade nacional que parte do “vira-lata”, do “quadrúpede de 28 patas” para o povo mais vitorioso do mundo. As crônicas analisadas serão “O Quadrúpede de 28 Patas”, “Complexo de vira-latas”, “Descoberta de Garrincha”, “O Triunfo do Homem” e “É Chato Ser Brasileiro”(RODRIGUES, páginas 58 a 75).

Como a proposta é tratar da evolução do torcedor, do povo brasileiro, começo analisando não a primeira crônica da Copa, mas uma sobre a preparação que trata sobre o pessimismo do torcedor brasileiro. Aliás, é importante esclarecer que a análise desse torcedor começa na final Copa de 1950, quando houve a derrota para a Celeste Uruguaia em pleno Maracanã o que teria feito do brasileiro, à época, um torcedor pessimista. Assim, traumatizado pela Derrota de 50, o torcedor desconfiava o quanto podia do Escrete, tamanha a queda da derrota em casa.

Em todas as crônicas propostas, Néelson analisa seu “personagem da semana”, que em “O Quadrúpede de 28 patas” é “o torcedor que nega o escrete”. Nesse texto, Néelson usa da imagem do amigo que xinga a si mesmo, para caracterizar o torcedor brasileiro – que reclama quando ganha e se satisfaz quando perde, gosta de dizer “eu avisei” e mostra o brasileiro como um “Narciso às avessas”, já que traumatizado pelo “fracasso do homem brasileiro” em 50.

Por temer os efeitos desse fracasso ainda em 58, ele confia no time e não confia na torcida, elabora assim, já no título da crônica seguinte o “Complexo de vira-latas”, uma de suas expressões mais famosas, a teoria de que o brasileiro se sentia um vira-lata desde que Obdúlio Varela, zagueiro do Uruguaia em 50, “nos tratou a pontapés”, no jogo da final. Néelson trata o problema do povo brasileiro – e a Seleção é o povo, para o autor – como um problema de autoestima, como se da vitória na Copa pudesse depender a afirmação do brasileiro enquanto povo.

Em “Descoberta de Garrincha” o personagem é “um “seu” Manoel”, que transformado em santo pelo autor, serve para compreendermos o status religioso alcançado pelo futebol no Brasil. Garrincha, o seu Manoel, era uma representação perfeita para o brasileiro: defeituoso, inocente, feio mas dado à improvisação, talentoso ao extremo. Na crônica, Garrincha serve como uma redenção do povo brasileiro, é a inocência botando pra dançar o “futebol científico” da URSS, “com Sibéria e tudo”, “driblando até as barbas de Rasputin”. Garrincha aparece, nessa crônica, quase como um herói mítico a quem tudo é permitido dentro do jogo, uma espécie de Macunaíma de 58 que pela improvisação, pela malandragem, derrota a técnica e a ciência.

Em “O Triunfo do Homem” o personagem é Didi que não era considerado “jogador pra Copa” por alguns de nós, “quadrúpedes de 28 patas”. Didi, assim como Garrincha na crônica anterior, vem para resgatar a esperança do povo brasileiro nele mesmo, criando a partir de seus defeitos – hora nenhuma negados pelo autor – a superação destes próprios, dando-lhe a dignidade de quem sabe que, apesar de preguiçoso, Didi, como o povo brasileiro, podia ser sério e competir em alto nível quando se tratava de *provar aos outros* que o Brasil era uma grande nação.

Entretanto, antes de falar mais sobre a final da copa de 58, da qual trata “O Triunfo do Homem”, é interessante analisar “Morrendo ao Pé do Rádio” em que Néelson trata sobre a vitória por 1 a 0 sobre o País de Gales, que é quando ele parece exorcizar o fantasma uruguaio, já que uma vitória magra simbolizaria o amadurecimento do escrete – que, se tivesse segurado até o 1 a 1 com o Uruguai, seria campeão. Assim, também, simbolizaria o amadurecimento do homem brasileiro, que soube ganhar. Ironicamente, o personagem da semana era Pelé, autor do gol do Brasil então com 16 anos de idade.

Já em “É Chato ser Brasileiro”, ocorre o triunfo desse homem, representado pelo herói macunaímico Garrincha, pelo malandro redimido Didi, pelo menino Pelé e pela torcida brasileira que duvidava, sem desacreditar. Assim, o Brasil adquire uma memória de vitória em contraponto à grande derrota de 1950, devolvendo a auto-estima, tomando o analfabetismo e dando esperança a um povo que, por saber que “é chato ser brasileiro” só podia saber, também, o resultado final da Copa. Nessa última crônica, a comemoração é tão forte e tão exultante – não só por parte do narrador, mas do que ele nos deixa perceber – que é possível encarar a humildade, o trauma, ainda como um ressentimento com a seleção de 1950 e, assim, como falsa-humildade, como trauma coletivo superado, mas não perdoado.

Nelson trata do povo brasileiro e de sua relação com o futebol em sua crônica, traçando um panorama interessantíssimo não só do torcedor canarinho, mas do povo brasileiro, de suas angústias e frustrações e aqui, no triunfo, é interessante perceber a evolução da confiança da torcida, do narrador, do escrete, numa Copa ouvida pelo rádio por uma torcida traumatizada, mas apaixonada.

Referências Bibliográficas:

Rodrigues, Néelson. *À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS: Crônicas sobre Futebol*. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

Da Silva, Marcelino Rodrigues. *O Mundo Do Futebol nas Crônicas De Néelson Rodrigues*. Páginas 16 a 39.

Luciane Corrêa Ferreira. *Metáfora e Futebol na vida cotidiana*, Anais do V Congresso de Linguística e Cognição, p. 95-101.

Revista Cult, “GOL DE LETRA – O Futebol em Prosa e Verso”, n.11, 1998, A PROSA E A BOLA, Marcos Faerman.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges, Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003, p. 419-476.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50 – os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

MUYLAERT, Roberto. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC Comunicação, 2000.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil x Uruguai*. ed. revista e ampliada, Porto Alegre: L&PM, 2000.

WISNIK, José Miguel. *A catástrofe*. In: WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 245-267.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003

WISNIK, José Miguel. O goleiro. In: WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, p. 136-141.

RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994,

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 2-15, 1989.
